

Universidade Federal de Alfenas

Curso: Letras – Língua Portuguesa (48)

Disciplina: Linguística II

Docente: Taise Simioni

Discente: Ana Heloíse Pereira Vicentini

A “geração” da criatividade linguística

O que diferencia os seres humanos dos demais animais? Quando essa pergunta é feita, é comum que a resposta seja algo relacionado à racionalidade, mas ela não é a única diferença, a linguagem também é uma característica inerente apenas aos seres humanos, ela está presente em seu DNA. Além disso, todos os indivíduos são criativos: desde aqueles que não foram alfabetizados até os escritores mais eruditos, essa criatividade corresponde à capacidade humana de criar frases de maneira ilimitada a partir de um sistema limitado de regras existentes na mente dos falantes, que é realizada por meio de um dispositivo inato ao ser humano, o qual lhe permite compreender e falar a sua língua natural. São questões como essas que os gerativistas estudam, investigam e buscam explicar.

Desenvolvido pelo linguista norte-americano Noam Chomsky, o gerativismo surge nos Estados Unidos no final da década de 1950 com objetivo de explicar o funcionamento da linguagem humana. Conforme a teoria gerativa, a criatividade é a principal propriedade do comportamento linguístico humano, fator que nos distingue de outros animais, visto que eles utilizam sistemas de comunicação a partir de mensagens invariáveis, sem diálogo e impossíveis de serem analisadas e decompostas, ou seja, se trata apenas de um código de sinais. Contudo, as pessoas sem doenças que comprometam o funcionamento cerebral e do aparelho fonador (órgãos responsáveis pela fala) possuem a capacidade de gerar sentenças infinitas a partir de um sistema finito de regras, fato que os gerativistas buscam descrever. Para exemplificar esse processo, podemos comparar esse sistema de regras a uma forma de bolo e as sentenças infinitas a todas as possibilidades de bolos que se pode fazer nessa forma:

utilizando uma forma de bolo, conseguimos fazer diferentes tipos de bolos com possibilidades de sabores, cores, recheios e coberturas infinitas.

Essa capacidade instintiva e natural de compreender e elaborar frases é denominada pelos linguistas como *competência linguística*, a qual provém de um dispositivo mental inato ao ser humano chamado *faculdade da linguagem*. Esse componente corresponde a uma espécie de “órgão” responsável pela aquisição da linguagem, essa condição que permite a uma criança sem conhecimentos gramaticais prévios entender a linguagem presente no seu meio social. Devido à *competência linguística*, os falantes conseguem discernir uma frase *gramatical* de uma frase *agramatical*. Vale salientar que o termo “gramatical” nesse contexto se refere a um conhecimento internalizado na mente dos falantes, sem relação com o conhecimento a respeito da gramática normativa ensinada na escola, como no exemplo a seguir: “você viu o preço daquela ‘brusa’ nas ‘loja’ do centro?”. Apesar dessa sentença não estar em conformidade com a gramática normativa, é uma sentença gramatical do ponto de vista gerativo, pois se trata de uma sentença possível no sistema linguístico dos falantes, já que não causa estranhamento e dificuldade de compreensão, entretanto, a frase **“preço daquela viu você blusa?”* (o asterisco antes da frase sinaliza agramaticalidade) é uma sentença agramatical, ou seja, uma sentença impossível de ser gerada devido à *competência linguística* das pessoas.

Outro aspecto importante dos estudos gerativistas é o *desempenho linguístico*, definido como o uso real e concreto da língua, o qual abrange fatores não linguísticos, como questões emocionais e psicológicas, concentração e atenção, conhecimento de mundo, etc. Essa questão pode ser exemplificada se pensarmos na seguinte situação: um falante que, apesar da sua competência linguística, enrolou a língua e trocou os fonemas de alguma palavra em consequência do nervosismo ao apresentar um trabalho escolar, dizendo “sistema de reglas” em vez de “sistema de regras”. Deve-se observar que ocorreu um erro de performance e não de conhecimento a respeito da língua. Ainda que só seja possível examinar a competência linguística dos indivíduos por meio do desempenho linguístico, falhas de desempenho não condenam a competência linguística das pessoas.

Na década de 1980, os teóricos gerativos desenvolveram a hipótese da *gramática universal*, renovando a teoria da competência linguística e aprimorando a teoria da faculdade da linguagem. Essa gramática é definida como o conjunto de características comuns a todas as línguas naturais, e que está presente na mente dos falantes. Para explicar como funciona a gramática universal, os linguistas gerativos desenvolveram a teoria dos *princípios* e *parâmetros*: os princípios são descritos como as características pertinentes a todas as línguas, e os parâmetros são definidos como as regras específicas de cada língua. Sabe-se que em todas as línguas há sujeito, portanto, essa característica é um princípio, mas somente algumas línguas permitem a ocorrência de sujeito nulo, como é o caso do português. Um exemplo dessa ocorrência é a frase “João disse que vai se casar”. Os falantes de língua portuguesa entendem que o próprio João irá se casar, mesmo sem a presença do pronome ‘ele’ após a conjunção ‘que’, já a língua inglesa não admite a ocorrência de sujeito nulo, portanto há necessidade do pronome ‘ele/he’ na frase, mesmo que o sujeito da oração principal (João) seja mencionado anteriormente, ou seja, de acordo com esse parâmetro presente na língua inglesa, a frase seria desta maneira: *João said that he is going to get married* (João disse que **ele** vai se casar). Desse modo, trata-se de um parâmetro da gramática universal.

Em síntese, todo ser humano é dotado da capacidade inata de adquirir a gramática da língua natural em função da faculdade da linguagem. Os falantes são infinitamente criativos linguisticamente, pois são capazes de proferir sentenças de maneira ilimitada a partir de regras limitadas, e não apenas uma troca de mensagens codificadas e invariáveis em resposta aos estímulos do ambiente, como ocorre com os animais.

Referências

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-139)